

PRÓLOGO

Meus senhores, vamos agora contar
uma história que não é para chorar

Abrir os olhos à vida
Não há razão proibida
de pensar

Quantas mães estão aqui p'ra m'escutar ?
Quanto amor para aprender e desejar ?

A semente perde a calma
É tão lindo ver as almas
a acordar.

II - APREENSIVA, MARIA RODRIGUES VÊ O FILHO LIGADO AOS OPERÁRIOS
REVOLUCIONÁRIOS.

(Quarto de Maria Rodrigues)

- LUISA: Quando há duas semanas te juntaste ao movimento, oferecete-nos a tua casa para qualquer trabalho especial que aparecesse. Como nunca a utilizamos é o lugar mais seguro de que dispomos.
- CARLOS: Do que se trata?
- LUISA: Temos de guardar aqui os folhetos. As últimas reduções salariais causaram grande agitação entre os operários. Há três dias que distribuímos os folhetos na fábrica. Hoje é o dia decisivo. A assembleia de fábrica reúne-se esta noite para resolver se continuamos a deixar que descontem os salários ou se entramos em greve.
- CARLOS: Onde está o Adolfo?
- LUISA: O meu irmão não veio. Ontem à tarde, ao regressar a casa, foi seguido por um indivíduo com ar de polícia e hoje preferiu ir direito para o trabalho.
- CARLOS: Fala baixo. É melhor que a minha mãe não te ouça. Ainda não lhe contei nada. Já não está em idade de poder ajudar-nos.
- MARIA: Não gosto de ver o meu filho na companhia desta gente. Ainda me deitam a perder. Desinquietam-no e um dia acabam por metê-lo na gama. Está sempre a ler li vros e não faz a vida dos rapazes da sua idade. É tão diferente do pai.....
- Não suporto vê-los aqui, a falar tão baixo que ninguém os entende. Carlos ficaria muito contrariado se o senhorio descobrisse que às cinco da manhã vem para cá gente fazer sei lá o quê! Olha que nós já nem temos dinheiro para pagar-lhe a renda,
- LUISA: Acredite, senhora Maria, que a sua renda é o único interesse que nos move. No fundo, e embora não pareça, só ela nos preocupa.
- MARIA: Isso ninguém me garante.
- LUISA: Custa-lhe a compreender que tenhamos de fazer tudo isto para que possa comer e pagar a renda da casa.
- MARIA: Quando entrou para a fábrica ficou satisfeito por ter trabalho. Ganhava pouco. Neste último ano passou a ganhar cada vez menos, e se tornam a fazer-lhe descontos prefiro sen eu a deixar de comer. Que posso eu fazer, viúva de um operário e mãe de um operário. Mas preocupa-me que leia estes livros e que, em lugar de aproveitar a noite para dormir, vá a reuniões que só servem para desinquietá-lo ainda mais. Ainda acaba por perder o emprego.

CANÇÃO DA SOLUÇÃO

Se te falta a sopa para o prato (bis)
como é que pensas comer (bis)
se te falta a sopa para o prato

Esta vida eu arrengo e
vou virar o bico ao prego

Debaixo da minha fome
é o estado que se encobre

P'rá sopa de mãe menino
Águas paradas não movem moínhos

Se o patrão não te dá trabalho (bis)
onde é que está o salário (bis)
se o patrão não te dá trabalho

P'rá acabar o desemprego
vou virar o bico ao prego

Andamos pr'aqui aflitos
porque o governo é dos ricos

Ponho a miséria a render
Águas paradas não movem moínhos

Os fortes riem dos fracos (bis)
o que é que vais responder (bis)
se os fortes riem dos fracos

na unidade é que eu peço
p'ra virar o bico ao prego

Mi lhões de trabalhadores
são a força que tu fores

Anda p'rá luta comigo
Águas paradas não movem moínhos.

MARIA: A polícia! Vês, Carlos, agora aparecem os policiais. Que andas tu a fazer, filho? O que dizem esses papéis?

LUISA: Sossogue, e deixe-se ficar sentada.

(Entra um polícia)

POLÍCIA: Quietos! Carlos Rodrigues, tenho de revistar-te a casa. Também cá está a irmã do Adolfo Correia, do que prendemos hoje de manhã.

LUISA: O que sucedeu ao meu irmão?

POLÍCIA: O seu irmão encontra-se ao nosso cuidado e manda-lhe cumprimentos. Anda a pregar a revolução aos nossos percevejos e freguesia não lhe falta. Infelizmente, faltam-lhe os panfletos. Não terão alguns para dispensar-nos? Perto dele ainda há celas vagas. Cara Senhora Maria Rodrigues, lamento muito ver-me obrigado a procurar os panfletos em sua casa. Começemos pelo colchão.

CARLOS: Não encontrou lá dinheiro, pois não? E que somos operários e não ganhamos muito.

POLÍCIA: Sei que é uma pessoa honesta. As pessoas honradas não se armam em espertas, não estará a querer armar-se em esperta?

Ai, Sra. Maria, Sra. Maria, na sua idade e a querer meter-se conosco, com uns cães de fila como nós!

Conhecem os filhos da puta que andam distribuindo estes panfletos subversivos na Fábrica Ariel?

CARLOS: Filhos da puta, vêmos aqui pela primeira vez.

POLÍCIA: Toma cuidado que ainda te arrependes.

MARIA: Não grite dessa maneira. O senhor ainda é novo e não sabe o que é a miséria. É funcionário. Recebe regularmente o seu maço de notas.

POLÍCIA: Guarda as tuas lágrimas. Vais precisar delas. Fazias melhor se tomasses conta do teu filho, que vai por mau caminho. Há-de chegar o dia em que a esperteza de nada lhesservirá.

(Sai o polícia)

LUISA: Está muito assustada? Senhora Maria, pedimos-lhe desculpa. Não pensávamos que já susp eitassem de nós.

MARIA: Estou. Vejo que o meu filho vai por mau caminho.

LUISA: Acha então justo o que lhe fizeram só porque o Carlos luta pelo salário a que tem direito?

MARIA: Não acho justo o que eles fazem, mas o que ele faz também não.

CARLOS: Em que fica a distribuição dos panfletos?

LUISA: Se nos encolhemos agora que a polícia começou a mexer-se, não passamos de uns fala-bar ato. É preciso distribuir os panfletos.

CARLOS: Quantos há?

LUISA: Cerca de quinhentos.

CARLOS: E quem os distribui ?

LUISA: Hoje é a tua vez.

MARIA: Quem vai distribuir os papéis ?

LUISA: O Carlos. Tem de ser.

MARIA: Tem de ser ! Primeiro são as leituras e as reuniões até altas horas. Depois vêm cá para casa, discutem em voz baixa. Tem de ser ! E de repente aparece a policia e trata-me como uma criminosa. Carlos, proibo-te que distribuas esses papéis.

LUISA: Tem de ser, senhora Maria !

CARLOS: Diz-lhe que é preciso distribuir os panfletos por causa do teu (para Luisa) irmão, para que a policia não tenha provas contra ele.

LUISA: Tem de ser, é por causa do meu irmão. Senão podem condená-lo no tribunal.

CARLOS: Se hoje não se distribuirem folhetos, concluirão que foi o Adolfo quem ontem os distribuiu. Por isso é indispensável voltar hoje a distribuir os panfletos.

MARIA: Compreendo que tenham de fazê-lo para salvar esse jovem da situação em que o meteram e em que corre perigo de vida. Mas se apanharem o Carlos, o que lhe acontecerá ?

LUISA: Não é tão perigoso como isso.

MARIA: Com que então não é tão perigoso como isso. Um homem é desviado do bom caminho e empurrado para uma armadilha. E depois tem de fazer-se mais isto e mais aquilo para o salvar. Não é perigoso, porque tem de ser. Vigiam-nos, mas temos de distribuir os panfletos. Tem de ser, portanto não é perigoso. E assim por diante. E um dia acaba-se na forca: mete a cabeça no laço, que não é perigoso. Dêem-me os panfletos, quem vai distribuí-los sou eu e não o Carlos.

LUISA: Mas como ?

MARIA: Não se preocupem. Se vocês se arranjam, também eu me arranjar ei.

LUISA: Que é que decidimos ?

CARLOS: Pensa nos prós e nos contras. Mas peço-te que não me obrigues a pronunciar-me sobre a oferta da minha mãe.

LUISA: Acho que pode resultar. Os operários conhecem-na e a policia não desconfia dela. Mesmo que a apanhem não poderá acontecer-lhe grande mal. Não pertence ao movimento e o que fizer, tê-lo-á feito só pelo filho. Julgo ser o menos arriscado.

Dada a situação particularmente difícil em que nos encontramos e a ameaça que paira sobre o meu irmão, aceitamos a sua oferta.

CARLOS: De acordo.

/...

MARIA: Não se trata certamente de boa coisa, mas tenho de impedir que o Carlos se meta nela.

CARLOS: Mãe, estão aqui os panfletos.

LUIZA: E agora vai lutar por nós, Maria Rodrigues.

MARIA: Lutar? Já não sou uma mulher nova e muito menos uma lutadora. Já fico satisfeita quando, à custa de muito esgravatar, consigo pôr algum dinheiro de lado. Para luta, basta-me.

LUIZA: Sabe o que dizem os panfletos?

MARIA: Não. Não sei ler.

III - O SALÁRIO DO PANTANO

(Pátio da fábrica)

LUIZ: Não acho bem que se distribuam folhetos destes enquanto duram as negociações.

BENTO: Têm toda a razão, se nos deixamos levar em negociações, somos enrolados. Apesar da policia já andar atrás deles e da vigilância cá dentro ter apertado, voltam a aparecer folhetos. São tipos que sabem o que andam a fazer, nada os detém. E faz sentido aquilo que eles dizem. Em coisas destas penso como eles.

CARLOS: Até que enfim. Chegou o Alves. Sempre quero ver o que conseguiu.

ALVES: A gente de confiança está toda reunida? Colegas, chegámos a um acordo!

CARLOS: Que espécie de acordo? Ganhámos?

ALVES: Apresentamos os nossos cálculos ao patrão, e, demonstrámos-lhe que, com a redução dos nossos 800 salários, ele vai meter ao bolso 2.000 notas por ano. Tínhamos de impedi-lo custasse o que custasse. E conseguimos-lo após uma batalha de quatro horas. Conseguimos impedir-lo. Essas 2.000 notas não irão para o bolso do patrão.

CARLOS: Ganhámos ou não?

ALVES: Colegas, temos sempre dito e repetido que as condições sanitárias da fábrica são insustentáveis.

CARLOS: Ganhámos ou não?

ALVES: A lixeira à entrada da fábrica representa um perigo constante.

CARLOS: É então com a lixeira que querem resolver a coisa!

ELOGIO DO COMUNISMO

Qual é coisa, qual é ela
que é tão simples, tão sensata
como a sopa na panela
como o sorriso de prata
das crianças esquecidas

Qual é coisa, qual é ela
que não sabes o que é
e andas sempre atrás dela
dor a dor, pé ante pé,
a jogar às escondidas.

REFRÃO: Quente... quente
companheiro, um passo mais
Se és explorado como tantos teus iguais
hás-de entender como vencer a exploração
Abre os olhos p'ró futuro
Olha o fruto já maduro
na raiz da tua condição

Qual é coisa, qual é ela
para os ricos horrorosa
para os pobres a mais bela
para os ricos crim inosa
e para os pobres justiça

Qual é a rosa de Maio
que gela o riso nervoso
do patrão e do laçao
não agrada ao cobiçoso
porque é o fim da cobiça

REFRÃO: Quente... quente
companheiro, um passo m ais
.....
*

Qual é coisa, qual é ela
que é possível conquistar
se a gente lutar por ela
que não é p'ra complicar
mas sim p'ra resolver

A ordem nova que acaba
com as diferenças d e classe
entre o que come e o que lava
Qual é coisa que é tão fácil
tão difícil de fazer

REFRÃO: Quente... quente
companheiro, um passo mais
.....
.....